



Entrevista com Tania Alice

GAMBIARRA - Primeiramente gostaríamos que você falasse da criação do “Coletivo Heróis do Cotidiano”? Como surgiu a ideia dos “Heróis”?

TANIA ALICE¹ - O Coletivo nasceu de um interesse prévio em trabalhar juntos, de um afeto inexplicado... As minhas performances e mesmo o tema das minhas aulas sempre giram em volta de operar uma potencialização dos afetos dentro da arte contemporânea, dentro de uma perspectiva de conexão consigo mesmo, com o outro, com a sociedade e alguma força de amor mais universal... Não sabíamos exatamente o que iríamos fazer, mas tínhamos um desejo humano e artístico pelas pessoas ali presentes. Eu tinha essa intuição do herói ser uma figura interessante e queria trabalhar alguma coisa em volta desse tema, então nos juntamos e falei “bom, vamos explorar!”. Eu queria seguir trabalhando dentro desse contexto da arte relacional que sempre me chamou a atenção nos meus trabalhos, queríamos que fosse na rua para trabalhar com transeuntes e não com um público de teatro, mas sem pensar no formato previamente. Então juntou-se um grupo de pessoas, três delas ainda permanecem desde o início, outras foram entrando, outras saindo, porque passamos por muitas dúvidas. O livro da Estética Relacional não tinha saído ainda aqui no Brasil e não sabia na época que este tipo de estética podia existir vinculada as artes cênicas, então fomos fazendo experimentos e membros do coletivo entraram em crise pensando “não, isso não é arte, não quero mais fazer...” (risos). Alguns saíram, outros entraram e o Coletivo cresceu, sempre dentro da vontade de estarmos juntos explorando.

GAMBIARRA – E quanto ao processo de criação dos trabalhos do Coletivo?

TANIA ALICE – No início, os trabalhos surgiram a partir das pessoas encontradas na rua e as propostas foram sendo elaboradas junto com a comunidade ou as pessoas. Por exemplo, uma vez, foi no Morro Dona Marta. Fomos vestidos de herói a chamado de uma pessoa que queria que fossemos ajudá-la e lá, nos sentimos muito impotentes. De fato, o que pode a arte contra toda essa injustiça social que vivemos no dia a dia? Destroem a Aldeia Maracanã, realizam remoções para a Copa, tem um descaso político em relação



as condições de moradia - o que vemos quando chove, por exemplo - e o que podemos fazer com arte? Podemos montar uma peça sobre esses assuntos e aí vai o pessoal da classe artística assistir e falar “que legal, que trabalho engajado...” (*risos*). Mas o que transformamos de fato? Sendo médico ou jornalista sem fronteiras - trabalhei muitos anos como jornalista -, a missão fica mais clara... Mas a arte sempre tem esse lance de “para que serve concretamente isso que eu faço?”. Essa falta de entendimento gera essa não-valorização da arte no nosso contexto brasileiro onde sempre parece que trabalho artístico não é trabalho de verdade... Os nossos trabalhos nascem muito dessas questões. Neste caso específico, fomos dialogando com os moradores e eles nos contaram seus problemas e pensamos, “bom, não podemos resolver essas questões, mas podemos resolver a maneira como as pessoas as vêem” - isso está no nosso “poder” heróico - essa transformação da subjetividade, da percepção, essa ação da esfera do micro, da energia de cada um. Então elaboramos uma performance na qual chegávamos com quinhentos balões de hélio onde amarrávamos as preocupações que as pessoas escreviam em pequenos papéis e soltavamos essas preocupações coletivamente amarradas nos balões no final do dia. Era uma maneira de dizer “não estamos podendo resolver o fato da sua casa estar sem água ou você não ter trabalho, etc., mas podemos ajudar você a soltar essa preocupação, nem que seja por um segundo”. Os nossos encontros com as pessoas as vezes podem ser muito curtos, as vezes, você tem cinco, dez minutos para transformar a paisagem

mental dela - e a sua. Nesse caso, a performance surgiu da situação. Mas as vezes surge de uma vontade de transformação do espaço, as vezes surge de um desejo específico ou uma urgência de uma das pessoas do Coletivo. Temos uma regra, uma única regra que é a de nunca dizer não. Se uma pessoa do Coletivo tem uma ideia ou um desejo, por mais que outros acham que pode não ser interessante, fazemos de tudo para realizá-la. Nos surpreendemos muito nesse processo, porque muitas vezes, ações que alguns não acham muito instigantes viraram performances muito potentes. As coisas também se transformam durante o próprio fazer, é realmente um trabalho processual, muitas vezes mudam durante a própria performance. Algumas ideias vem rápido, outras a gente não sabe intelectualmente porque está fazendo, mas segue a intuição e faz. (*risos*). De um ano para cá, cada membro do Coletivo tem fortalecido seu trabalho individual e nos juntamos a partir destas diversas potências para criar coletivamente. É uma nova fase, um novo processo.

GAMBIARRA – Vocês tem então um repertório de performance a partir disso, ou elas são muito pontuais e normalmente são efêmeras?

TANIA ALICE – Tem ações que são muito pontuais, que só acontecem uma vez que se dão fora do circuito. Por exemplo, atualmente estou orientando uma prática de montagem intitulada “Performance como dádiva”: os alunos convivem um determinado tempo com uma pessoa e fazem uma performance



para ela, sobre ela, no espaço dela. Nesse contexto, acontece que pessoas nos pedem uma performance. No contexto do Coletivo, esse trabalho é realizado em geral por Rodrigo Abreu, do Coletivo, e por mim. Por exemplo, uma aluna da UNIRIO veio até ele dizendo que queria fazer algo performativo e fortalecedor antes de uma cirurgia. Então costuramos um figurino muito especial e fomos buscá-la na UNIRIO, andamos de mãos dadas com ela até o mar e entramos na água, fazendo um trabalho de energia com base nas práticas dos nossos treinamentos, um ritual de purificação. Não fizemos registro, não divulgamos. São performances pontuais, do dia-a-dia, como quando invadimos a Parada Militar do 7 de setembro vestidos de Heróis. Há também performances que se integram



no circuito da arte contemporânea, como no Festival Internacional de Arte Contemporânea do SESC ou o SESC Palco Giratório ou realizadas com Prêmios como o Prêmio Artes Cênicas nas Ruas. Temos por exemplo essas performances de “Todo mundo pode ser todo mundo”, que realizamos em diversos lugares. Temos um texto, de Shakespeare, Brecht ou outro autor e uma arara com diversos figurinos e as pessoas podem “ser” aquele personagem do jeito que querem. Filmamos, registramos e divulgamos em eventos de arte, em uma parceria com artistas visuais como Lucas Canavarro, Melissa Flores, Sammara Niemeyer ou Mariana Stolze. E um processo de democratização da arte... Entramos nos circuitos de circulação também, entre motivos financeiros óbvios pessoais, e também para alimentar nossa “caixinha” e ter dinheiro para realizar ações que nunca vão ter financiamento, porque são por essência subversivas. Meu trabalho individual atual dialoga e está sendo apresentado em diversas instituições - MAC, Museu da Cidade do México, Side Street Project, CalArts na Califórnia, etc. -, mas ele é antes de tudo de rua, aberto, interativo, democrático. Depois vira instalação ou vídeo. Criamos parcerias, como essa

que estabeleci com o performer Alvaro Villalobos, artista colombiano que reside no México.... Os outros membros do Coletivo também atuam dentro e fora das instituições.

GAMBIARRA – De que forma seu trabalho acadêmico dialoga com as criações artísticas?

TANIA ALICE – Considero que é uma mesma coisa. Dar aula e criar é exatamente o mesmo processo... O professor é o lado institucional do performer (*risos*). Em sala de aula, seja na Graduação ou na Pós-Graduação, tento instaurar um espaço onde as pessoas se potencializam para a criação artística, abrindo seus canais energéticos, emocionais, intelectuais,

alargando seus conhecimentos teóricos e práticos e suas visões de mundo. Utilizamos o nosso material autobiográfico para a criação da cena performática. Os participantes tem que ter um vínculo muito forte de conexão com elas mesmas, com o outro, o grupo... Precisa de uma conexão forte para aquilo acontecer. Senão a performance vira uma forma sem sentido. Nos processos de criação e nas aulas, aprendemos muito os uns com os outros. Tem que se entender o que determinada

pessoa trava no seu processo criativo e como ele pode voar mais alto. As ferramentas da experiência somática e o trabalho desenvolvido por Alexandre Duarte, terapeuta somático, é de uma ajuda preciosa nesse sentido. Algumas pessoas tem resistência com a linguagem da performance, outras estão super afim, outras querem mas não conseguem, outras tem travas psicológicas, morais, energéticas e uma séria de coisas que vamos trabalhando para crescer e se curar mutuamente... Dar aula é um presente, eu aprendo tanto com meus alunos e os transeuntes nas performances que realmente considero uma dádiva dar aula e performar. É mesmo um ato de amor - senão vira somente “aula” ou “performance” - uma forma, apenas.

GAMBIARRA – A meditação é um dos recursos utilizado para o trabalho? Fale um pouco da importância dessa prática e como ela surgiu no seu trabalho?

TANIA ALICE – Eu comecei praticando meditação em silêncio, a meditação sentada, ensinada pela tradição do budismo tibetano. Atualmente, de uns dois

anos para cá eu estou trabalhando mais a meditação em movimento, em andamento e dançando. O objetivo é que a prática deixe de se formal e se integre no seu cotidiano. A meditação basicamente leva você para um outro lugar, onde você está em conexão... Muitas vezes, o mundo artístico leva a gente muito para o culto do ego, para querer se mostrar, para querer ganhar dinheiro... Não que isso não seja importante, mas, como diz Chacal, a vida é curta pra ser pequena. Quando você se deixar ganhar por essa lógica, tende a esquecer dos seus sonhos de infância ou do porque você escolheu inicialmente ser artista inicialmente. O sistema te coopta. É necessário ter uma clareza da impermanência, da doença e da morte como algo real, que vai acontecer com cada um de nós. Na verdade sabemos que vamos morrer um dia, mas quando você realiza isso de verdade, tudo começa a ter um valor diferente. A meditação te leva de volta para esse lugar, te permite não ser tão arrastado pelas coisas. Quando você performa, existe uma série de estímulos, principalmente na rua, mas se você tem uma tranquilidade interna, um silêncio interno para o qual você volta, você pode de fato estar disponível para o outro. Você abre espaço em si para estar aberto para o outro.

GAMBIARRA – A performance “Cegos” foi uma parceria com outros dois coletivos de performance, o “Coletivo Pi” e o “Desvio Coletivo”. Você poderia falar um pouco como foram essas parcerias e sobre os dois principais elementos dessa performance: a argila e a lentidão?

TANIA ALICE – Conheci Marcos Bulhões em uma palestra na Unirio e queríamos trabalhar juntos. Imaginamos que nós dos Heróis poderíamos ir para São Paulo com um trabalho nosso que eles produziram, e assim realizamos a performance “Soltando Preocupações” no Encontro do Instituto Hemisférico de Performance e Política em São Paulo. Depois, os dois Coletivos vieram para cá com essa idéia, produzimos, realizamos junto com eles. E uma parceria que viabiliza ações. A argila é uma iniciativa do Marcos e é um elemento muito interessante, fresca, barata e esteticamente interessante e dá essa ideia do engessamento do executivo. Catástrofes passam pelo mundo, mas eles continuam seguindo igual, apesar das urgências e dos gritos do mundo.

GAMBIARRA – Em referência ao trabalho “Performance como Dádiva” que você fez em aula e com Rodrigo Abreu. Como são os rituais de passagem e de que forma eles se inserem na arte?

TANIA ALICE – Me interesse por uma arte que explore as fronteiras de ritual, projeto terapêutico,

projeto social e projeto estético. Finalmente, agora, estou conseguindo aproximar estes elementos de forma orgânica no meu trabalho. Na verdade, eu não estou preocupada em estar fazendo “arte” (*risos*)... Mas em realizar ações que provoquem transformações, questionamentos, libertações, mudanças, cura. Passei muito tempo fazendo teatro, digo, teatro de palco, financiado por editais, prêmios, sem sentir que isso tocasse de verdade as pessoas. Com as urgências do mundo de hoje, sentia falta de algo que invade afetivamente, que pega por uma via inesperada, surpreende, te tira o fôlego, nem que seja por um instante. Quando realizamos a peça “Porque Você é Pobre?”, teve uma senhora que, depois de assistir uma vez, voltou as 5 da tarde no dia seguinte, embora o espetáculo começasse às oito. Quando perguntamos a ela porque tinha vindo tão cedo, respondeu que tinha um câncer e que tinha que ir no hospital no dia seguinte e queria rever a peça antes, por conta da vitalidade que tinha sentido. Isso vale qualquer crítica de teatro ou prêmio. Eu estou me formando como terapeuta corporal de experiência somática e percebo que muitos trabalhos que fiz são realmente terapêuticos. E, no fundo, se pensamos no sentido da vida, tenho essa ideia mesmo - que temos um tempo limitado para nos amarmos e nos curarmos os uns aos outros. Por isso trabalhamos em parceria com a Mestre de Shintaido Clélie Dudon e realizamos performances e cursos que juntam essa arte marcial da paz com performance. A arte é um atalho para o processo de cura mútua.

GAMBIARRA: Existe financiamento para os trabalhos e qual a posição do Coletivo quanto a questão do apoio e financiamento dos projetos artísticos?

TANIA ALICE: Não consideramos que o financiamento é simplesmente um ato para viabilizar uma ação artística. A produção faz parte da ação artística, nesse sentido, tem sentido fazer uma ação ativista com o dinheiro da Petrobrás? Não julgo quem



faz, mas me parece contraditório para o nosso tipo de trabalho. Pegar o dinheiro de uma empresa que eu sei que é comprometida com uma série de questões que vamos justamente no trabalho não me parece coerente. Ao mesmo tempo a gente sabe como tudo é ligado e que “dinheiro limpo” quase não existe. Quando fizemos o espetáculo “Porque você é pobre?” trabalhamos seis meses sem dinheiro nenhum e um dos motivos era para ter a experiência do assunto tratado. Levantamos um espetáculo que ficou em cartaz dois meses. Foi uma experiência incrível para toda equipe.... Todo mundo era muito soldário porque tínhamos uma riqueza de relação, uma vontade de estarmos juntos, de estarmos trabalhando que não tinha nada a ver com “quanto eu recebo”, porque aí você já entra em uma lógica totalmente diferente. É um caso específico. Fomos trocando material de cenário por oficinas, aulas disso por aquilo e agregamos pessoas na equipe que queriam se integrar porque gostaram da ideia de uma arte que segue uma outra lógica. Ensaivamos todos os dias, abrimos espaço, tempo, disponibilidade. Não sei até agora como fizemos, mas o fato é que foi uma experiência incrível e realizada totalmente sem dinheiro. Agora evidentemente temos outras fontes de renda, como, no meu caso, meu trabalho na Universidade, mas dar aula por exemplo é uma escolha que implica entre outras coisas que você não precisa depender do mercado e pode ter uma certa liberdade de movimento e de criação, tempo para a pesquisa, etc. É uma liberdade que você conquista com sua escolha e seu trabalho, exatamente com essa finalidade. Na Inglaterra, existem ONGs alimentadas pelo dinheiro de empresas sustentáveis que dão dinheiro para projetos artísticos. Os artistas apresentam seus projetos e a ONG redistribui, só que a ONG tem que ter o *label* “empresa ética” - não pode ser qualquer empresa que lava a consciência financiando projetos artísticos. Espero que essa iniciativa surja aqui também! Não podemos apenas viabilizar ações com dinheiro, desvinculando estes dois elementos como se fosse duas coisas diferentes.

GAMBIARRA: Quanto a relação dos Heróis do Cotidiano com o público, como se dá, qual lugar que ele ocupa?

TANIA ALICE: Tentamos estabelecer relações de verdade, que não reiteram padrões de consumo e que não perpetuem os afetos tristes promovidos pelas estruturas de poder. Relações de ajuda, crescimento e cura mútua. Relações de amor. Tudo se dá no espaço da troca. Alias não é um “público”... São pessoas que criam junto com a gente. Como diz a brincadeira, todo mundo pode ser artista, mas tem que ter um artista para dizê-lo (risos), no caso, para criar situações que evidenciam isto.



GAMBIARRA: Existe limites para o artista performático?

TANIA ALICE: Limites? Uma professora de performance da UNIRIO da qual gosto muito, a Professora Sylvia Heller diz que na aula dela, “pode tudo menos matar”, mas matar também é tão... porque tudo mata, a palavra mata e a gente já vive matando micróbio, energias, alentos, vontades (*risos*), as vezes sem querer, então não sei. Mas ter limite? Para mim tem, mas quero falar por outros, tem gente que vai muito ao extremo, busca o extremo para se sentir vivo. Não tenho uma resposta absoluta sobre esse assunto. Para mim, o limite é quando você se impõe e quer se sobrepor ao outro, quando você faz uma coisa que atropela o outro, isso é um limite para mim. Eu não vejo esse limite como sendo temático ou um limite de tempo espacial, você pode performar com uma pessoa do outro lado do globo terrestre só pela conexão energética e com animais, o que venho fazendo há um tempo - com vacas, junto com Rodrigo Abreu, e cabras, agora nos Estados- Unidos. O que é limite para mim não vai ser um limite para outra pessoa, então a questão é alargar os limites, ver até onde a gente chega, mas sempre com ternura, sem atropelar o outro.

GAMBIARRA: E qual a formação em geral do Coletivo? Vocês tem um número determinado de pessoas? Existe um núcleo ou existem algumas pessoas mais presentes e outras mais transitórias? Como se dá essa organização, por assim dizer?

TANIA ALICE: Estamos atualmente transitando de uma fase muito coletiva, de elaboração conjunta de projetos para uma fase onde cada um desenvolve o seu trabalho individual de performer e juntamos nossas potências na hora da ação. Resumindo, estamos indo do Grupo para o Coletivo. Existe um núcleo que se mantém há anos e pessoas entrando e saindo em função das performances. Nos organizamos de uma forma que queremos horizontal. Atualmente, no Coletivo, temos Gilson Motta, Marcelo Asth, Rodrigo Abreu, Lara Siqueira, Daniele Carvalho, André Marinho e

Renata Sampaio. Muitos são professores ou alunos da UNIRIO ou da UFRJ e estão desenvolvendo trabalhos extremamente interessantes de forma individual. Gilson Motta desenvolve uma pesquisa sobre objetos performáticos, Lara está atualmente em uma pesquisa de comunicação com o além por via de misteriosos comunicadores, Rodrigo tem uma busca espiritual intensa dentro do seu trabalho performático, que considero muito potente, Marcelo Asth trabalha com a performance para e com senhoras idosas dentro de um projeto de mestrado que estou orientando, e por aí vai.. Assumo a função de diretora artística, mas cada artista tem o seu trabalho, sua potência e nos organizamos coletivamente.

Notas

¹Artista-pesquisadora que pesquisa a linguagem da performance dentro de projetos que se apresentam como um cruzamento entre projeto social, terapêutico, estético e ritualístico. Possui Graduação em Letras e Artes pela Université de Strasbourg III (1998), Mestrado de criação contemporânea (2000) e Doutorado em Letras e Artes (Performance) pela Université de Provence Aix-Marseille I (2003). Pós-Doutorado pela UFRJ (criação teatral e performática contemporânea). Foi professora das Universidades de Rennes I e Rennes II (França), da UVA (Ceará) e da UFOP (Minas Gerais). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Interpretação da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, onde atua como artista-pesquisadora na Graduação e na Pós-Graduação. Publicou “Performance. ensaio - (des)montando os clássicos” (FAPERJ/CNPq), diversos artigos sobre performance e arte contemporânea

em diversas revistas e é pesquisadora do NEPAA (Núcleo de Estudos da Performances Afro-Ameríndia). É diretora e artística e performer do Coletivo de Performance “Heróis do Cotidiano”, que realiza micro-utopias no espaço urbano e lançou em 2013 o livro “Heróis do Cotidiano”. Recebeu para 2013 a Bolsa CAPES/Fulbright para realizar sua pesquisa na Escola de Artes CALARTS, Califórnia, EUA. Seu trabalho artístico foi apresentado em diversos países do mundo, como na França, na Alemanha, no México, no Brasil, na Colômbia, na Argentina, nos Estados-Unidos, entre outros e recebeu diversos prêmios para espetáculo, performance e vídeo-performance.

E-mail: taniaalice@hotmail.com
Site: www.taniaalice.com

² Referente à aula da linha de pesquisa “Estudos da Performance, do Corpo e da Imagem” intitulada “Potencialização dos Afetos na Arte Contemporânea”, oferecida para os cursos de Mestrado e Doutorado em Artes Cênicas na UNIRIO 2011/2 e agora em 2014.2 e à aula de Atuação Cênica VI da Graduação em Interpretação.

³ BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo. Ed: Martins Fontes. 2009.

⁴ Favela da cidade do Rio de Janeiro, entre os bairros Botafogo e Laranjeiras, na Zona Sul.

⁵ É uma aldeia indígena urbana localizada no prédio antigo do Museu do Índio, no bairro Maracanã no Rio de Janeiro. O prédio antigo do Museu do Índio situa-se próximo ao Estádio Mário Filho, corre risco de demolição por parte do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

⁶ <http://www.coletivopi.com>

⁷<http://www.desviocoletivo.com>